

ARQUIVOLOGIA EM TRÍADE: QUANDO O ESQUECIMENTO ENCONTRA A LEMBRANÇA

Marcelo Calderari Miguel
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo: Nessa crônica, a temática da Arquivologia é explorada como um campo dinâmico e fundamental na preservação da memória, não apenas como um arquivo de documentos, mas como um ato de resistência contra o esquecimento. A simbologia do triângulo – representando as camadas do Direito, História e Administração – é usada para entender a complexa estrutura de uma memória constantemente negociada, onde o arquivista se torna o guardião do que se recusa a desaparecer. Ao entrelaçar conceitos da Arquivologia com símbolos culturais, como o Hamantaschen e a safira azul, o texto nos provoca a refletir sobre o que realmente devemos preservar em um mundo em que o efêmero parece prevalecer, desafiando as convenções e levantando questões sobre o poder da memória, do tempo e das escolhas de preservação.

Palavras-chave: Arquivologia simbólica; Preservação de memória; Direito da memória; Digitalidade documental; Acervo digital.

Archival Science in Triad: When Forgetfulness Meets Remembrance

Abstract: In this brief chronicle, Archival Science is approached as a dynamic and foundational discipline in the preservation of memory – not merely as the management of documents, but as a deliberate act of resistance to oblivion. Through the symbolism of the triangle – representing the interwoven dimensions of Law, History, and Administration – the text unveils the architecture of a memory that is constantly negotiated, where the archivist emerges as a custodian of what insists on remaining. By weaving archival concepts with cultural symbols such as the Hamantaschen and the blue sapphire, the narrative invites reflection on what truly merits preservation in a world dominated by the ephemeral, challenging established norms and confronting the choices we make between remembering and forgetting.

Keywords: Symbolic archiving; Memory preservation; Memory law; Document digitality; Digital collection.

Nem toda solidez nasce do concreto. Algumas se assentam sobre símbolos, gestos ancestrais e escolhas que atravessam gerações. Na Arquivologia – e, de forma mais

abrangente, na memória – o triângulo não é mera estética: é estrutura. Três lados que sustentam o que a pressa do mundo tenta apagar, esquecendo que até o esquecimento precisa ser arquivado.

No vértice do Direito, a justiça se estende como um horizonte distante, tão elusiva quanto os direitos adiados. No da História, repousa a consciência de que somos moldados pelo que passou, mesmo que o poder reescreva o passado à sua conveniência. E na Administração, a prática contínua se transforma, por vezes, em repetição que perpetua o status quo. Essa tríade ergue os pilares da Arquivologia, expandindo-se para um triângulo maior formado por Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia – irmãs de ofício que, entre estantes e vitrines, organizam a informação, enquanto vendem a ideia de preservação em meio a uma memória constantemente negociada.

Há também outro triângulo, mais sutil e silencioso, mas igualmente vital: as três idades do arquivo. O Corrente, que pulsa com urgência; o Intermediário, que repousa em suspenso, aguardando ser chamado; e o Permanente, que não mais serve ao cotidiano, mas eterniza valor histórico, cultural ou informativo. Nesse ínterim, os arquivistas são os vigias dos tempos, os curadores do que se recusa a ser esquecido.

Curiosamente, esse mesmo triângulo se revela em outro universo simbólico. Na mesa de Purim – festa judaica que celebra a reversão de um destino quase fatal –, o triângulo assume a forma de doçura: o Hamantaschen. Esse biscoito de três pontas, recheado de significados e de memória, evoca o misterioso chapéu de Haman e, simultaneamente, as coincidências milagrosas que salvaram um povo. Não é apenas um doce; é uma narrativa encapsulada, onde cada mordida revela camadas de informação ocultas, como o recheio de papoula que se esconde dentro da massa, carregado de sabedoria e mistério.

A papoula, semente do velado, guarda aquilo que os antigos mantinham em sigilo e que os modernos não podem ignorar. Essa resistência se assemelha à safira azul, que se forma nas profundezas da crosta terrestre sob pressões extremas – cristalizando alumínio óxido em um processo quase alquímico, com sua cor determinada por traços de ferro, titânio e crômio. Essa pedra, símbolo de sabedoria, proteção e realeza, é a memória da terra: densa, transformada e preciosa. Assim, sob a pressão do tempo, a safira se faz alusão à verdade que somente se revela depois de inúmeros desafios, refletindo o mesmo destino dos documentos que se cristalizam na história.

Ao abrir o Hamantaschen, a informação, essa semente antes oculta, é revelada – não como um mero doce, mas como resistência. Ela se expõe, ao alcance de um clique, de uma memória compartilhada. O que os antigos temiam revelar e os modernos insistem em expor, repousa ali, pronta para ser decifrada.

O triângulo continua a girar. As ampulhetas vertem o tempo, e nós, guardiões dessa nova ordem, ponderamos o destino do recheio que se apresenta. O que escolhemos preservar? O que permitimos se perder? Cada decisão se inscreve nas camadas de nossa memória, nas quais, entre a urgência do presente e a inércia do esquecimento, o futuro se esconde.

E então, o que está por trás de tudo isso? Qual é o segredo oculto entre os registros? É o tempo, que retorna em ciclos incertos; é a memória, que se refaz nos interstícios da existência; e é a pedra – a safira azul, forjada sob intensas pressões e reveladora de verdades não ditas. O recheio do Hamantaschen não é apenas doce: é a resistência contra a efemeridade, o remédio para o presente adulterado, a informação que persiste quando o mundo se dissolve em modismos passageiros.

O arquivista, juramentado a proteger e revelar cada camada dessa verdade, sabe que o futuro não se resume à recuperação de um passado fixo, mas à criação de um novo alicerce. Ele decide o que guardar e o que deixar ir, desafiando o direito ao esquecimento e a tirania do imediatismo. E, em um mundo onde tudo que era sólido se desmancha no ar, a verdadeira audácia não está em segurar o que permanece inerte, mas em transformar o efêmero em eterno, em provocar uma revolução silenciosa que, finalmente, libere a verdade.

E assim, entre triângulos e safiras, entre biscoitos recheados e arquivos empoeirados, nos resta uma questão essencial: o que, afinal, deve ser preservado? Não a memória em sua totalidade – isso seria um tanto ousado, não? Afinal, quem decide o que permanece e o que se dissolve no ar? O que sobra quando as camadas são retiradas? O tempo, sempre tão ágil, põe sua assinatura sobre tudo. Preservamos o que convém, o que é conveniente, o que nos serve no agora. O resto? Bem, o resto vai para a poeira dos esquecidos... ou melhor, para a nuvem dos descartáveis, onde tudo se perde, mas de forma tão “digitalmente elegante”. O verdadeiro mistério, portanto, não está no que conseguimos guardar, mas no que ousamos apagar – e quem, com um sorriso cínico, faz essa escolha.



Figura 1 – Caracterização simbólica do curso de Arquivologia

Fonte: autoria desconhecida, forma geométrica de triângulo regular

Descrição da imagem: o símbolo é um triângulo regular preto sobre fundo branco. Seu contorno externo forma um triângulo com as bordas curvas. Dentro desse triângulo, dispõem-se três formas curvas pretas, lembrando hélices estilizadas. Essas três formas se encontram e se unem em uma área central escura e mais densa. A disposição das formas curvas sugere um movimento rotacional ou cíclico dentro da estrutura triangular. A impressão geral é de dinamismo e interconexão

